

# Como utilizar os QUADRINHOS em sala de aula

Paulo Ramos



A tira de Adão Iturrusgarai foi tema de uma das questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), aplicado no fim de 2009. Os organizadores da prova propunham este enunciado aos estudantes: “Os quadrinhos exemplificam que as Histórias em Quadrinhos constituem um gênero textual...”. Cabia aos alunos indicar uma das cinco alternativas seguintes. A correta era a letra d, “que possui em seu texto características próximas a uma conversação face a face, como pode ser percebido no segundo quadrinho”.

O teste do Enem traz uma série de pressupostos: 1) quadrinhos configurariam um gênero textual; 2) tal gênero teria na representação do diálogo face a face uma de suas características; 3) Há necessidade de familiaridade, mesmo que mínima, com os elementos desse gênero para poder compreendê-lo. Há ainda um quarto pressuposto, não menos relevante: os quadrinhos integram o conteúdo programático da prova e, por consequência, também do Ensino Médio, alvo de quem resolve o exame.

Pode-se questionar se os quadrinhos constituem mesmo um gênero ou se compõem algo maior, uma linguagem, da qual haveria um conjunto autônomo de gêneros, como a tira cômica usada no enunciado da prova do Enem. Pode-se ponderar também se tal linguagem não abarcaria outros elementos além da interação face a face, como sugere a questão. Mas se pode concordar quanto à presença dos quadrinhos no âmbito escolar, comportamento que não é novo, mas que tem caminhado a passos largos no Brasil na primeira década deste século.

Livros escolares das décadas de 1970 e 80 já pautavam parte do conteúdo com histórias em quadrinhos. A tendência ganhou corpo nas décadas seguintes e migrou também para os exames vestibulares, do qual o da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) é o exemplo mais eloquente. O Enem usa tiras e charges em suas questões desde os primeiros exames.

A presença dos quadrinhos no Ensino Médio tornou-se oficial com o surgimento dos Parâmetros





BOOM

Ilustrações: Luiz Cláudio de Oliveira

Curriculares Nacionais (PCNs), elaborados no fim do século passado para os ensinos Fundamental e Médio. No caso de Língua Portuguesa, a proposta era apresentar aos professores conteúdos de leitura e escrita baseados em textos e gêneros textuais. Os quadrinhos estavam entre as possíveis modalidades a serem utilizadas em sala de aula.

Como movimento oficial, se deu a partir de 2006, quando passaram a ser incluídos na lista do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do Governo Federal.

O programa compra lotes de obras para formar bibliotecas escolares em todo o país. Até aquele ano, os romances e outras obras literárias predominavam quase que isoladamente entre os trabalhos selecionados. Pôr quadrinhos na relação significa enxergar tais produções como formas autônomas de leitura. Parece algo óbvio. Mas só então foi formalmente reconhecido no âmbito escolar.

Tais políticas colocaram os quadrinhos na pauta dos conteúdos a serem trabalhados pelos professores na sala de aula e trouxeram ao menos um novo desafio: como trabalhar com tais gêneros? Temos postulado em mais de uma oportunidade que não há uma regra. Vai depender muito da criatividade do docente e do interesse dele em se

valer da linguagem para aplicá-la em suas práticas de ensino. Mas se pode dizer que é possível ensinar de tudo com histórias em quadrinhos, nos mais variados compassos do saber. Cada aula traz um desafio a ser superado. Apesar de não haver regras para isso, há alguns pontos que merecem ser observados. De modo nenhum se



está sugerindo que os gêneros dos quadrinhos contenham um recurso que substitua ou supere outras linguagens e formas de leitura. É preciso discernimento. Vale estimular a leitura dos quadrinhos e do domínio das peculiaridades do meio, que se diferencia pela mescla dos elementos verbais escritos e visuais. Deve-se, porém, oferecer e estimular um repertório amplo de leituras, de romances a poemas, de produções virtuais a jornais e revistas informativas.

Outro ponto que merece menção é que somente o domínio da linguagem dos quadrinhos não resolve a leitura de seus gêneros. Como a tira utilizada no Enem bem ilustra, há outras informações que devem ser acionadas pelo leitor para construir sentido. Todo esse processo, e não apenas as questões ligadas à linguagem, deve ser alvo das práticas escolares, em qualquer disciplina – domínio de leitura não é responsabilidade apenas dos professores de Língua Portuguesa.

Por fim, vale registrar que o bom uso dos quadrinhos no ensino está diretamente ligado ao domínio de um repertório sobre a área. As produções vão muito além da Turma da Mônica e das publicadas diariamente nos jornais. Saber quais são as outras possibilidades amplia o repertório e também os recursos para uso no ensino. Como se vê, não existem fórmulas. Mas há um caminho promissor a ser percorrido. Basta querer.

---

\*Paulo Ramos é jornalista e professor do curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo. É autor de *A Leitura dos Quadrinhos* (Contexto, 2009), coorganizador de *Muito Além dos Quadrinhos* (Contexto, 2009) e coautor de *Como Usar as Histórias de Quadrinhos na Sala de Aula* (Contexto, 2004).